

Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

banrisul

Juros altos atrapalham até quem vive disso

Balanços divulgados na última semana mostram que bancos não são entusiastas dos juros altos

Um amigo meu, jornalista e bastante interessado em economia, costuma acusar os bancos de serem entusiastas dos juros altos. O raciocínio é simples: se ganham dinheiro emprestando, quanto maiores as taxas, melhor para eles. Insisto que não é assim. E os balanços do setor financeiro divulgados na última semana facilitam meu argumento.

O Banco do Brasil viu seu lucro despencar 66,5% no terceiro trimestre, para R$ 1,27 bilhão. A inadimplência avançou, principalmente no agronegócio, e suas ações caíram 8,35% na quinta-feira (12). O problema vai além do banco estatal: Itaú, Bradesco, Santander e Banco do Brasil já acumulam R$ 49,9 bilhões em provisões para perdas com crédito (o famoso risco de calote) no trimestre, 19,5% acima do que tinham um ano antes.

Não são R$ 49,9 bilhões em calotes consumados. São despesas reconhecidas para cobrir perdas esperadas com empréstimos não pagos. Mas salta aos olhos que o montante é mais que o dobro do lucro das quatro instituições no período.

Na lógica de que os bancos lucrarem com juros mais altos, a Selic em 13,75% ao ano deveria ser um fator de melhoria nas contas, mas não é. Porque o negócio não é simplesmente cobrar juros.

O banco precisa captar dinheiro para emprestar. E, quando a Selic sobe, depósitos remunerados, CDBs e outras fontes de financiamento também ficam mais caros. A diferença entre o que cobra e o que paga ?parte do chamado spread bancário? não cresce automaticamente com os juros.

Há ainda menos disposição para tomar crédito. Famílias adiam compras, empresas engavetam projetos. E quem já está endividado precisa encontrar espaço no orçamento para parcelas mais pesadas, especialmente nas dívidas com taxas variáveis ou que precisam ser renegociadas.

O maior estrago aparece quando o cliente deixa de pagar. Segundo o Banco Central, a inadimplência nas operações com recursos livres chegou a 6,6% em setembro, ante 5,6% um ano antes. O banco pode cobrar juros altíssimos no contrato; se não recebe, a taxa escrita no papel vira pó.

Isso não significa que todos sofram igualmente. O Itaú, por exemplo, registrou lucro recorrente de R$ 12,6 bilhões e inadimplência de 2%. O Bradesco aumentou o lucro, embora tenha visto crescer o custo do crédito. Já o Banco do Brasil enfrentou perdas mais fortes, em parte por sua exposição ao agronegócio, sufocado por juros e renegociações de dívidas.

Para o investidor, a lição é olhar menos para o nível da Selic e mais para o que acontece dentro da carteira de cada banco. Inadimplência, provisões, custo de captação e retorno sobre o patrimônio dizem mais sobre a sustentabilidade dos lucros ?e dos dividendos? do que a taxa básica isoladamente.

Na terça-feira (10), o Banco Central sinalizou que os juros precisarão permanecer restritivos por mais tempo para conter a inflação. Há motivos para essa cautela. Mas os balanços lembram que o remédio tem efeitos colaterais: desacelera o crédito, aperta famílias e empresas e, com o tempo, pode atingir até quem vive de emprestar dinheiro.

Juros altos podem ser bons para os bancos por pouco tempo, enquanto não acabam com o spread nem sufocam seus clientes, que caem em inadimplência. Preços altos só funcionam como fonte de lucro enquanto seus clientes conseguem pagá-los.



Bistek aluga duas megalojas do Grupo Josapar que eram Nacional em Porto Alegre

/ MINUTO VAREJO

Patrícia Comunello
patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

A rede de supermercados Bistek, de Santa Catarina, vai abrir nas duas lojas que já tiveram operações do Nacional e que estavam entre as mais cobiçadas em Porto Alegre. A bandeira assinou ontem os contratos de locação dos imóveis da rua José de Alencar, no bairro Menino Deus, e da avenida Teresópolis, no bairro de mesmo nome, que pertencem ao Grupo Josapar, dono do arroz Tio João.

"Vamos montar os melhores Bistek do Rio Grande do Sul", avisa Walter Ghislandi, um dos sócios da rede. "Estamos muito felizes", definiu o varejista. Os valores das locações não foram revelados.

A negociação começou há cerca de três anos, contou ele ao Minuto Varejo, quando o Carrefour anunciou que pretendia se desfazer das filiais.

E quando essas lojas vão abrir? A previsão é que a unidade do Menino Deus seja inaugurada em seis meses. Na sequência, virá a do Teresópolis. Em até 30 dias, a empresa começará o planejamento das intervenções. As obras vão começar ao mesmo tempo nos dois endereços.

Sobre o acerto e o tamanho das unidades, Ghislandi lembrou que as duas lojas "são verdadeiras joias da coroa do varejo".

Pelo tamanho dos salões de vendas, bem acima do limite atual permitido - de 2,5 mil metros quadrados (Lei Zaffari)- "são duas unidades que permitem uma operação diferenciada, com mix mais completo e toda a estrutura do conceito das operações maiores".

A unidade que o Bistek ergueu na avenida Protásio Alves, ex-Nacional, está no cronograma de expansão da marca. A previsão é de entrega em fevereiro, se as condições climáticas permitirem a conclusão. "Só chove", citou.

O aporte é estimado em R$ 80 milhões. São três andares, com 140 vagas de estacionamento na parte superior. A área de venda será de até 2,5 mil metros quadrados.

PATRÍCIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC



Supermercado da rua José de Alencar, no bairro Menino Deus, deverá abrir em até seis meses

Com as três lojas, a rede vai dobrar de tamanho na Capital. A marca já tem supermercados na Zona Norte, na avenida Nilo Peçanha e no Guadix, na Zona Sul.

Outro detalhe: não há definição sobre o número de empregos que serão gerados nas duas novas unidades do Bistek recém contratadas. Isso vai depender do projeto de reforma e da estrutura operacional definidos pela empresa, adianta o sócio-diretor.

Sobre outras lojas do Nacional: na Capital ainda, o Zaffari deve abrir apenas no começo de 2027 no Praia de Belas Shopping, mesmo que haja expectativa de antecipar o prazo; e, na Zona Norte, o Max Center está em obras no ponto perto do Terminal Triângulo e deve assumir outro na avenida Baltazar de Oliveira Garcia. Em Santa Maria, está indefinido o sucessor da unidade no Monet Shopping, também do Josapar. No Litoral, o Asun abrirá em dezembro as unidades de Capão da Canoa, Torres e Tramandaí.